

## **ELIMINANDO PRECONCEITO ATRAVÉS DO LIVRO INFANTIL**

**I. S. S. Borges**

Núcleo de inclusão – CEFET-RN

Av. Salgado Filho, 1159 Morro Branco CEP 59.000-000 Natal-RN

E-mail: florzinhaflor@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Deve-se pensar a inclusão como processo social, onde todas as pessoas excluídas devem ser incluídas, não só na educação, sendo esta somente uma faceta do processo, mas em todo o contexto social. De um lado, a sociedade começa a perceber a existência das pessoas com deficiência e se organizar para acolhê-las e, de outro, as próprias pessoas com deficiência começam a se mostrar, a reivindicar seus espaços, a exercer seu papel de cidadãos. O preconceito é o maior entrave para a inclusão dessas, e ele aparece devido a falta de informação sobre o assunto. Em um mundo onde a busca por padrões se acentua, os diferentes causam estranheza e preconceitos. Nesse sentido é necessário pensar em estratégias que possibilitem o esclarecimento de todos a respeito do que são as deficiências e, principalmente, nas possibilidades das pessoas com deficiências e como incluí-las. Esse movimento deve iniciar o mais cedo possível, preferencialmente de forma lúdica e espontânea. A partir dessa idéia, uma aluna do curso superior de Lazer e Qualidade de Vida, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte – CEFET-RN criou um livro infantil envolvendo o leitor numa atividade de prazer e desenvolvimento para conhecer e refletir os conceitos de inclusão e exclusão social, as características de algumas das principais deficiências e o quanto o lazer, com seus princípios lúdicos e inclusivos, pode quebrar paradigmas. A estória é contada através de texto em tinta e em braile e ilustrações infantis, mas sua temática atende todas as idades, numa perspectiva de desenho universal. O livro com o título “Eu também posso brincar!” é uma estória de conhecimento e aceitação das diferenças, cujo objetivo principal é a sensibilização de crianças, jovens e adultos para a importância do brincar e do respeito que são direito de todos, independente de sua diferença.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer – Inclusão - Literatura infantil

## 1. INTRODUÇÃO

Deve-se pensar a inclusão como processo social, onde todas as pessoas excluídas devem ser incluídas, não só na educação, mas em todo o contexto social. De um lado, a sociedade começa a perceber a existência das pessoas com deficiência e se organiza para acolhê-las e, de outro, as próprias pessoas com deficiência começam a se mostrar, reivindicar seus espaços e a exercer seu direito de cidadãs.

Segundo DECRETO Nº 3.956/2001, que promulga a Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência, reafirma que as pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano.

O preconceito é o maior entrave para a inclusão dessas pessoas com deficiência, e ele aparece devido a falta de informação sobre o assunto, mesmo com este decreto e com tantos outros movimentos ainda o cenário é de um mundo onde a busca por padrões se acentua, os diferentes causam estranheza e preconceitos. Nesse sentido é necessário pensar em estratégias que possibilitem o esclarecimento de todos a respeito do que são as deficiências e, principalmente, nas possibilidades das pessoas com deficiências e como incluí-las.

Como nos afirma Sassaki (2004):

O paradigma da inclusão social consiste em tornarmos a sociedade toda um lugar viável para a convivência entre pessoas de todos os tipos e condições na realização de seus direitos, necessidades e potencialidades. Neste sentido, os adeptos e defensores da inclusão, chamados de inclusivistas, estão trabalhando para mudar a sociedade, a estrutura dos seus sistemas sociais comuns, as suas atitudes, os seus produtos e bens, as suas tecnologias etc. em todos os aspectos: educação, trabalho, saúde, lazer, mídia, cultura, esporte, transporte etc

No âmbito educacional é importante que a escola como um todo desenvolva novas metodologias que possibilite a participação e a integração da diversidade, independente de suas deficiências específicas, etnia, capacidade cognitiva e classe social. Vygotski (1997) citado por Goes, (2004) afirma que, “Numa visão dinâmica e prospectiva do desenvolvimento do indivíduo, é preciso investir em suas capacidades existentes e possibilidades emergentes, superando a noção de que as ações educativas devem apenas investir dentro dos limites estabelecidos pelos diagnósticos clínicos ou educacionais tradicionais”. Assim a escola passar a ter um papel pedagógico muito mais amplo atingindo novas linguagens, discutindo tanto o tradicional, como o novo, como o imprevisível.

### 1.1 O Lazer e a Inclusão Social

O curso superior de Lazer e Qualidade de Vida, do Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET-RN) é exemplo de um movimento educacional e social no rumo desta visão dinâmica e prospectiva do desenvolvimento do indivíduo. O profissional de lazer deve estar voltado para o desenvolvimento de uma nova consciência e percepção crítica desta realidade alienada voltada para o ter e fazer se esquecendo do ser. Ele deve trabalhar em intervenções que o possibilite reconhecer seu universo interior, seu imaginário e principalmente seu direito social de brincar sem que isso tenha um valor de troca.

A partir dessa idéia foi introduzida a disciplina de “Lazer e inclusão social” no curso superior de Lazer e Qualidade de Vida do CEFET-RN. O objetivo da disciplina é conhecer as possibilidades e limitações das pessoas com deficiências e fazer uma reflexão crítica sobre a forma de lazer destes indivíduos.

A partir daí, como parte integrante da disciplina, nasceu a idéia da criação de um livro acessível, seguindo os preceitos do desenho universal. É um livro de estória infantil envolvendo o leitor numa atividade de prazer e desenvolvimento para conhecer e refletir os conceitos de inclusão e exclusão social, as características de algumas das principais deficiências e o quanto o lazer, com seus princípios lúdicos e inclusivos, podem quebrar paradigmas. O livro “Eu também posso brincar!” pretende sensibilizar as crianças, jovens e adultos para a importância do brincar e do respeito que é direito de todos, independente de sua diferença.

### 1.2 O desenho Universal

O propósito do desenho universal é tender às necessidades e viabilizar a participação social e o acesso aos bens e serviços a maior gama possível de usuários, contribuindo para a inclusão das pessoas que estão impedidas de interagir na sociedade e para o seu desenvolvimento. Exemplos destes grupos excluídos são as pessoas pobres, as pessoas marginalizadas por sua condição cultural, racial, étnica, pessoas com diferentes tipos de deficiências, pessoas muito obesas, pessoas muito altas ou muito baixas, inclusive crianças, e outras, que por diferentes razões também excluídas da participação social.

O desenho universal tende a ser naturalmente inclusivo, favorecendo a biodiversidade humana e natural e contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida de todos.

## **2. OBJETIVO**

De acordo com Alves (2001) o ato da leitura é uma experiência para ser vivida com prazer e sem cobranças. Não se deve ler para responder questionários, ou para interpretação, mas ler por puro prazer. Ler pelo simples gosto de ler. O conhecimento, a interpretação, o questionamento, vêm por acréscimo.

Alguns livros infantis são transcritos para o braille e usados por crianças cegas. Mas ainda é em número e acesso muito reduzido. Livros que possam ser usados por crianças cegas, de baixa visão e videntes são muito escassos. Assim, o livro “Eu também posso brincar” foi imaginado e criado pensando na possibilidade de um livro plural, que servisse de instrumento de lazer, possibilitando o uso de seu conteúdo e formatação para sensibilizar o leitor, de forma simples e prazerosa, para as questões da inclusão e da diversidade.

## **3. METODOLOGIA**

Este trabalho iniciou com a integração de teoria, de mostras de vídeos e de análises em sala de aula sobre o lazer e a inclusão social sugerindo vivências com pessoas com deficiência. O livro “Eu também posso brincar!” foi criado para trabalhar a inclusão de uma forma lúdica, espontânea e por meio de uma linguagem acessível, na qual todas as personagens partilham da mesma causa: incluir a diversidade na sociedade.

O material foi criado e organizado na forma de uma estória de várias crianças representando a diversidade. Foi editada em tinta e em braille. O braille é um sistema de leitura e escrita em relevo utilizado por pessoas cegas. O livro foi ilustrado com temas infantis, mas com a perspectiva de atender a todas as idades.

Houve a preocupação com o desenho universal, de forma que o livro fosse um objeto inclusivo. Assim, um leitor vidente teria acesso a forma de leitura e escrita de uma pessoa cega, possibilitando assim, uma maior divulgação desse sistema.

A estória, intitulada “Eu também posso brincar!” é uma narrativa sobre João, um menino superdotado que sofre exclusão na escola por seu bom desempenho escolar. Ele busca explicação por ser tratado de forma diferente já que o chamam de “João Cabeção”(fig. 1). O desenho foi criado de forma a não estereotipar o tipo físico associado às essas pessoas. Permitindo ao leitor liberdade para imaginar seu próprio personagem.

Aqui inicia toda uma aventura social, já que o João acaba conhecendo pessoas com deficiência e resolve fazer uma campanha que informe sobre a existência dessas pessoas, e isso desencadeia grandes surpresas. João conheceu Bruno, que tem uma irmã com Síndrome de Down, que o convida para um jogo de futebol (fig. 2) e ele percebe que brincando são todos iguais.

A escolha pelo jogo de futebol demonstra a preocupação com a inclusão, uma vez que esta é uma das brincadeiras que favorece a participação de diferentes pessoas e pode acontecer em ambientes variados, além de não necessitar de grandes estruturas.

João resolve, junto com outra personagem do livro, chamada Carol, que também é superdotada, a organizar uma campanha intitulada “Eu também posso brincar”. Além dos dois, outras crianças participam da campanha e vivem juntos uma grande aventura. Nela eles falam e convivem com diversas deficiências e outras formas de exclusão e como essas pessoas podem ser incluídas.

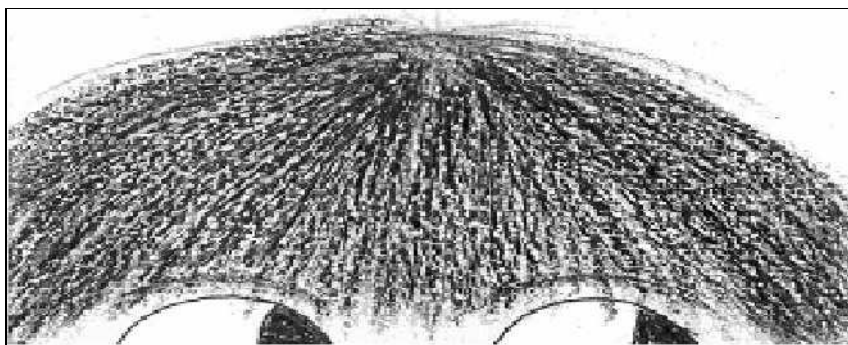


Figura 1. Desenho representando a personagem de João Cabeção.



Figura 2. Desenho mostrando a partida de futebol entre Bruno e João.

#### 4. ESTRATÉGIAS DE USO

De acordo com Vidal (2006), descobrir o mundo da leitura e da escrita é uma experiência fascinante que todo homem tem o direito de viver. É um tesouro cujos bens desencadeiam uma busca incessante vez que não são inerentes ao ser humano, mas patrimônios adquiridos através da cultura e da educação. Daí, ser papel fundamental tanto dos pais quanto da escola e professores, criar oportunidades para que a criança se descubra leitora e mais importante uma leitora crítica.

A professora e autora Maria Helena Martins chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro, que, segundo ela, revela "um prazer singular" na criança. Na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter. A autora comenta que "esse jogo com o universo escondido no livro "pode estimular no leitor a descoberta e o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo". Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior quanto mais freqüente for o contato da criança com o livro.

Portanto o processo da construção do livro, seguindo os preceitos do desenho universal, com páginas em tinta e em braille deverá proporcionar ao leitor o contato sensorial com o livro e poderá servir de instrumento para divulgação da forma de leitura e escrita das pessoas com deficiência visual.

#### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os melhores agentes do processo inclusivo são as crianças. Através delas poderemos criar uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Mas como trabalhar a inclusão com as crianças, se até nas brincadeiras existe um processo de exclusão velada? Se os livros de literatura são feitos para quem enxerga e devem ser transcritos para aqueles que lêem com o tato?

A proposta do desenho universal, apesar de pouco utilizada pelos autores de livros infantis pode representar uma importante estratégia no processo de inclusão. Um livro editado em tinta e em braile possibilitará que diferentes sujeitos vivenciem o partilhar de uma história de diferentes, que mostra que todos nós podemos brincar.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Decreto 3.956, de 8 de outubro de 2001. Disponível em: <http://www.usp.br/drh/novo/legislacao/dou2001/df3956.html>, em 28/11/2006. Acesso em 22/ago/2006.

GOES, M. C. R. . **Desafios da inclusão de alunos especiais**. In: Goes e Laplane (orgs.), Campinas/SP: Autores associados, 2004.

ALVES, R. — **Quarto de Badulaques**. 2001. Disponível em : <http://rubemalves.com.br/quartodebadulaques.htm> . Acesso em 10/set/2006.

Sassaki, R. K. **Pessoas com deficiência e os desafios da inclusão**. Revista Nacional de Reabilitação. Disponível em <http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi&parametro=12916>